

As teclas da fantasia

Berta Sichel

New York University

Alguns pesquisadores e historiadores contemporâneos tendem a acreditar que existe um paralelo entre o que aconteceu no século XIV e o que, provavelmente, acontecerá a partir do final deste século.

O livro *The distant mirror*, da historiadora americana Barbara Tuchman, descreve com cores vivas o homem e sua vida naquele século. Pelo seu relato, os anos entre 1340 e 1360 foram, provavelmente, os mais tumultuados em toda a história da civilização ocidental. O poder político era disputado a duras penas entre a Igreja, senhores de terra e a nobreza. França e Inglaterra se batiam, principalmente porque a guerra era lucrativa aos reis. Por causa da corrupção na Igreja, a população ficou perturbada em relação aos seus valores tradicionais. Durante este período, um terço da população morreu de peste negra. Apesar de tudo, foi no século XIV que surgiu o Renascimento, marcando a transição da era medieval para os tempos modernos.

Embora neste exemplo não exista uma intenção de comparar a Itália do *Quattrocento* com sociedades que estão vivendo a primeira hora da pós-industrialização, o que se espera é que o desenvolvimento dos meios de comunicação/informação produza um novo *Renascimento*.

Muito da discussão sobre o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação na sociedade contemporânea ignora que a superinformatização do nosso meio ambiente não exige que sejamos verdadeiramente informados. Ou seja, a superinformatização eletrônica da sociedade nos dispensa do dever de conhecer com profundidade. Esta particularidade nos remete, de imediato, ao problema da alienação, já discutido por tantos autores. Uma alienação que, paradoxalmente, é produzida pelo excesso de informação.

Conhecimento e informação são termos que aparecem em todos os estudos que tenham delinear o futuro da humanidade num *environment* informatizado. Embora muitas vezes sejam usados como sinônimos, seria mais correto fazer uma distinção entre eles.

Conhecimento refere-se a um estado mais abstrato; ao entendimento de um processo, de uma teoria, de um modelo. O termo "trabalhadores do conhecimento" (*Knowledge workers*) se aplicaria às pessoas que têm como atividade profissional as soluções de problemas. *Informação*, por sua vez, é algo mais transitório e sempre tem um valor para alguém. Como *informação* podem ser classificadas os preços das ações na bolsa, as manchetes de jornais, os números do saldo bancário. Porque o termo *informação* pode ser aplicado a um número bastante grande de itens, sua conceituação e definição se tornam bastante difíceis. Em resumo e contraste com *conhecimento*, *informação* é algo que passa; que não tem sentido abstrato; que não é uma

teoria, embora possa contribuir para a formação de conhecimento, porque pode ser usada para defender ou rejeitar uma tese.

De acordo com a teoria de informação desenvolvida por Shannon e Weaver, é possível quantificar a informação ausente (*absent information*), ou a informação que, apesar de estar presente, não faz sentido, não acrescenta nada, não informa nada. Para ambos, a informação por si não tem nenhuma relação com seu significado. A teoria de Shannon e Weaver produz um interessante paralelo com a situação da que é chamada uma sociedade pós-industrial ou de informação. Cercado de meios de comunicação/informação que transmitirão diretamente para dentro de sua casa, textos, sons e imagens, o indivíduo viverá a ilusão de conhecer.

Embora as informações possam viajar o globo em instantes, modificando até nossa relação/idéia de espaço e tempo, isto não significa necessariamente que elas tenham conteúdo. A maior parte será *informações ausentes*, com pouco ou nenhuma importância para o aperfeiçoamento de nosso intelecto e para o aumento do nosso conhecimento. Serão, na maioria dos casos, informações banais que, ao invés de facilitar a comunicação e criar um novo sentido social e político, estarão, apenas, ensurdecendo nossos ouvidos. É aí que a teoria de que os novos meios e tecnologias de informação/comunicação podem produzir um novo *Renascimento* pode ser colocada no banco dos réus.

É realmente difícil imaginar qual será o nosso papel nesta sociedade informatizada, carregada de informações banais, onde a estrutura política e social básica poderá ser redesenhada à medida em que estas mídias preenchem o sonho humano da conquista do espaço e do tempo.

Em contraste com as mudanças que ocorreram nos últimos 200 anos em decorrência da invenção e/ou aperfeiçoamento da estrada de ferro, telégrafo, telefone, televisão, este novo conjunto de invenções tecnológicas (de base microeletrônica) ainda tem de provar sua capacidade de reorganizar a vida da maioria dos habitantes do planeta. Se um desastre nuclear varrer da superfície da terra grande parte de sua população, ou se não houver um colapso da economia mundial, estas tecnologias terão um grande desenvolvimento nas próximas décadas. No entanto, nada garante que o seu aperfeiçoamento e disseminação trarão as mudanças prometidas.

Ao contrário de tecnologias desenvolvidas até a metade deste século, as de comunicação/informação não têm um padrão linear de desenvolvimento. Este padrão diz que as inovações são restritas e introduzidas depois de um período de alguns anos, num ritmo bastante lento para os moldes atuais. O telégrafo, telefone, rádio transístor e outras máquinas se desenvolveram com lentidão, reforçando a produtividade econômica sem causar uma ruptura insustentável na ordem social. O telefone, por exemplo, levou mais de 50 anos para se firmar como um meio de comunicação e até hoje existem populações que não têm contato com ele — pelo menos de maneira regular. Já a televisão, que veio depois, em menos de três décadas chegou a regiões onde seus habitantes vivem nos moldes de sociedades tribais ou pré-industriais. A sociedade do ano 1990 conviverá com 20 meios de comunicação/informação — alguns já implantados (como o telégrafo) ou em fase de implantação (como o correio eletrônico).

Um observador do fenômeno das conseqüências da aplicação dos meios de informação/comunicação — Jay Forrester — do grupo de Sistemas Dinâmicos do Massachusetts Institut of Technology — sugere: "Provavelmente teremos que aceitar as restrições até então consideradas inaceitáveis em relação à nossa liberdade individual e coletiva, para que possamos nos ajustar às conseqüências desta desigualdade entre a força de produção destas

tecnologias e sua débil ação no campo social". No presente, as tecnologias já têm um período de incubação menor e são de grande complexidade social. A tendência para o futuro é diminuir ainda mais o tempo entre a invenção e a comercialização. O que, segundo teses, torna difícil o balanço entre a produtividade econômica e a harmonia social.

Esse balanço é o dilema de nossa época. As tecnologias de comunicação/informação, vistas como um força produtiva crescem rapidamente, mas sua contribuição para a estabilidade social não acompanha o mesmo ritmo. Uma das conseqüências é a erosão na confiança no progresso tecnológico — uma situação já sublinhada nas advertências do historiador francês Jacques Ellul, no livro *The technological society*.

Talvez este seja mesmo um momento único na história humana. Pela primeira vez estamos lidando com máquinas, cuja capacidade de manusear a informação pode ser grosseiramente comparável com a memória genérica de um organismo vivo, como explica o astrônomo Carl Sagan no livro *The dragon of Eden*. Por causa dessa particularidade e da ação dos meios de comunicação de massas, a gente acaba acreditando que as novas máquinas para produzir informação elevarão o nível de nossa vida.

Diante dos fatos atuais é difícil manter uma postura otimista em relação à Sociedade de Informação. A expansão das fontes e recursos na área de informação e comunicação, apresentam, no momento, muito mais a possibilidade de aumento da tensão social com alienação, do que uma sociedade descentralizada ou de-massificada. Se a tecnologia por si só fosse capaz de mudanças sociais, até seria possível acreditar na promessa de descentralização ou de-massificação. Se por um lado a microeletrônica e a informática oferecem a possibilidade de reorganizar a sociedade de outra maneira, "não é o computador por si que vai modificar coisa alguma", como diz Ellul. Para ele, se o homem não mudar e não fizer nada, o computador (como símbolo desta sociedade) vai piorar a situação. O Estado, por exemplo, terá um poder controlador muito maior; o nível de autoritarismo também se elevará e a propaganda/publicidade será mais efetiva. Não foi sem razão que Nobert Weiner, o pai da cibernética, classificou, há algumas décadas, informação no mesmo nível de controle.

Num relatório encomendado pelo governo Giscard D'Estaing sobre a informatização da sociedade, os dois pesquisadores franceses Nora e Minc dizem: "Nós precisamos olhar de frente os efeitos negativos do novo *environment* baseado na tecnologia de comunicação/computação, particularmente naqueles que dizem respeito à alienação social e erosão dos valores tradicionais". O livro de Nora e Minc, *A informatização da sociedade*, foi um best-seller na França e traduzido em vários idiomas.

O que podemos fazer no sentido de reverter estas tecnologias em nosso favor?

A realidade do dilema social entre produtividade e benefícios deve ser um tema de debate para legisladores, políticos, intelectuais, sempre com ouvidos atentos para a opinião pública. A eles cabe a formulação de uma estratégia particular em termos de comunicação/informação. Se temos a coragem de dizer que as mudanças provocadas por este conjunto de tecnologias são "revolucionárias", devemos também lembrar que movimentos revolucionários merecem reflexão e debate — embora seja mais agradável ficar sentado em frente a uma tela, seja do computador ou da televisão, puxando botões e apertando teclas para receber informações ausentes que apenas reforcem o mito da informatização da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- GANLEY, Oswald e Glayds, *To inform or to control? — The new communications networks*, McGraw-Hill Book Company, Nova Iorque, 1982.
- WIENER, Nobert, *The human use of human beings — Cybernetics and society*, Avon Books, Nova Iorque, 1950.
- BELL, Daniel — *The coming of post-industrial society — A venture in social forecasting*, Basic Books, Nova Iorque, 1973.
- ELLUL, Jacques, "New hope for a technological society" in *ETC — A review of general semantics*, IV vol., n. 2, Verão 1983.
- DIZARD, Wilson Jr., *The coming information age*, Longman, Nova Iorque/Londres, 1983.

REVISTAS LATINO-AMERICANAS DE COMUNICAÇÃO

CHASQUI — Revista Latino-americana de Comunicação

Assinaturas: US\$10,00 — CIESPAL: Apartado 584 — Quito — Ecuador

Comunicación y Cultura

Assinatura: US\$15,00 — Apartado Postal 21572 — 04000 México-DF

Comunicación

Assinatura: US\$26,00 — Apartado 4838 — Caracas 1010-A, Venezuela

Materialcs para la comunicación popular

Assinatura: US\$25,00 — IPAL — Apartado 270031 — Lima — Peru

Contratexto

Assinatura: Universidad de Lima — CICOSUL — Apartado 852 — Lima — Peru

Signo y Pensamiento

Assinatura: US\$20,00 — Universidad Javeriana — Carrera 7.º N.º 43-82 — Bogotá — Colombia